

Um Partido Comunista Contemporâneo¹

Walter Sorrentino²

Permanência e Renovação

O debate sobre o tema Partido não tem sido, em nosso tempo, alvo de exame sistemático do movimento comunista. A causa principal disso é a dispersão teórica, com seu efeito sobre as convicções revolucionárias, e a certa conduta inercial de fundo dogmático. Mas também decorre da insuficiente maturação de um pensamento estratégico revolucionário em resposta às necessidades de nosso tempo, ao qual se deve adequar o Partido Comunista.

Vivemos um novo tempo, distinto daquele em que foi elaborada a teoria leninista de Partido. Desenvolve-se outra configuração do modo de reprodução e dominação capitalista-imperialista, levando a outros desenvolvimentos das classes e lutas sociais. A derrota sofrida pela primeira experiência socialista no século XX impôs um tempo de defensiva estratégica, de acumulação estratégica de forças, para retomar um novo ciclo de lutas pelo ideal socialista, este também renovado a partir das lições extraídas daquela experiência.

De outra parte, atuando nessas condições, há uma enorme pressão ideológica que se abate sobre os Partidos de concepção e prática revolucionárias, pressão tendente a rebaixar o papel estratégico do Partido Comunista.

Que fazer frente a tantos elementos novos? Sustentamos que ainda não maturou a realidade objetiva para dar ensejo a uma reinvenção do partido de tipo leninista. Daí decorre a condição de apreender a teoria leninista do Partido de modo contemporâneo, em sua essência dialética e em sua historicidade, ligada à construção do pensamento estratégico do tempo presente, não necessariamente em sua manifestação concreta na forma do bolchevismo soviético do século passado.

O PCdoB é tributário de um caminho de permanência com renovação nas concepções e práticas de Partido Comunista. Busca realizar um *aggiornamento*, sem se perder com respeito aos fundamentos de um partido de tipo leninista. Permanência porque é fator decisivo para a identidade comunista. Renovação porque é uma exigência a desenvolver o pensamento de partido: o apego a um modelo concebido para uma determinada época, em função de outro pensamento estratégico, pode se tornar disfuncional se não reagir ao tempo. E, ainda uma vez, permanência porque ao responder às novas exigências o Partido pode perder-se nas novas condições estratégicas. Ou seja, de um lado o doutrinário e esquematismo, de outro o pragmatismo e a perda de perspectivas de rupturas políticas transformadoras.

Desde o 8º Congresso, em 1992, o PCdoB vem acumulando reflexão sobre o tema, chegando a uma nova síntese no 11º Congresso, em 2005. No fundo, a questão do Partido vai sendo repensada em função do amadurecimento da reflexão programática e estratégica, e também pela sistematização de nossa trajetória. Que percurso se fez desde então? De onde se partiu, que polêmicas estão postas,

¹ Textos publicados no Portal de Organização e reeditados para os Estudos Estratégicos, Dossiê III. 17: “Partido comunista: Força decisiva da luta pelo socialismo”. http://www.portaldaorganizacao.org.br/?page_id=1923&did=6

² Secretário de Organização do Comitê Central.

como se situa hoje o tema Partido? E que consequências extrair para a linha de estruturação partidária?

Abrir novos horizontes é indispensável, o que nos leva a novas questões e novos riscos. Vai-se partir do abstrato ao concreto. Partir da teoria porque nada justifica deixar de tratar o tema Partido como tema teórico, que não pode ser engessado em modelos, de forma a-histórica; é tema sujeito, portanto, a novos desenvolvimentos. E chegar ao concreto, da construção prática de uma força militante e transformadora, fixando a singularidade que marca o pensamento programático e estratégico, no atual nível de elaboração, e extrair daí as consequências político-organizativas.

Leninismo nas condições de nosso tempo³

Quando se fala em Leninismo é preciso sempre frisar o caráter dialético dessa concepção, rigorosamente presa à análise concreta da situação concreta, e que leva a formulações que estão em movimento, e não paradas, fixas, porque devem corresponder ao movimento real da política e da luta de classes. Por isso, não se deve perder de vista que se aborda o tema Partido em função da estratégia dada, portanto em situação historicamente determinada.

Tratamos das questões consideradas essenciais da teoria leninista de partido revolucionário do proletariado. O alerta é que quando se fala em Leninismo, sempre se deve frisar o caráter dialético dessa concepção, rigorosamente presa à análise concreta da situação concreta. Esta é a homenagem mais correta que podemos fazer a esse teórico que é um dos fundadores de nosso pensamento. Ela leva a formulações que estão em movimento, e não paradas, fixas, porque devem corresponder ao movimento real da política e da luta de classes. Por isso, não se deve perder de vista que se aborda o tema Partido em função da estratégia dada, portanto em situação historicamente determinada.

O Partido criado por Lênin estava em função daquela época: um tempo de ofensiva estratégica, nas novas condições do capitalismo em seu tempo, dando base a novos desenvolvimentos estratégicos.

No livro “Imperialismo, etapa superior do capitalismo” Lênin fundamentou a idéia de que a revolução entrava na “ordem do dia”, se estava na ante-sala da revolução proletária. Isso naturalmente atuou em determinação de tipo novo, vista a superação dos antigos Partidos Operários Social Democratas da 2ª Internacional, que capitularam frente às tarefas postas pela realidade da 1ª. Guerra Mundial.

As famosas máximas da tendência “espontânea” do proletariado ao projeto do Partido Comunista, as correias de transmissão entre o Partido e as organizações de massa, os quadros dedicados profissional e integralmente ao trabalho partidário, os pequenos parafusos da máquina partidária, entre outras, foram metáforas próprias de uma época. Algumas mantêm atualidade, mas é inegável que o seu contexto é datado; algumas outras, como correias de transmissão, estão ultrapassadas. Outras metáforas serão constituídas, com base na experiência atual.

Pode-se referir Gramsci como exemplo de Leninismo em país de maior desenvolvimento democrático-burguês que a antiga Rússia: nos marcos da mesma teoria e da mesma época, mas de outros desenvolvimentos estratégicos. Gramsci promoveu as reflexões afamadas sobre a “guerra de posições”, sobre a necessidade de uma longa luta para conquistar as trincheiras da sociedade civil. Obteve novo alcance a ideia leninista da luta pela hegemonia, em determinação do tipo de Partido

³ Com a colaboração de José Carlos Ruy e Oswaldo Napoleão.

necessário, que deu ensejo à noção de Partido Comunista de massas enquanto características específicas de estruturação.

Também se pôs a necessidade de aplicação ampliada da concepção leninista do centralismo democrático para esse tipo de partido de vanguarda como formação organizativa extensa e não apenas partido de quadros ou partido de atuação predominantemente ilegal ou de pequenos círculos. Pode-se referir também os caminhos originais de Ho Chi Minh no Vietnã e Mao Tse Tung na China: sempre a estratégia geral norteando o modelo de Partido, nos marcos de uma mesma teoria e mesma época geral. Ou ainda, o que é muito importante, diversas experiências revolucionárias que se constituíram inicialmente como movimentos ou frentes revolucionárias, sem Partido Comunista, e vieram a constituir depois importantes experiências socialistas, como é o caso de Cuba. É a “árvore verde da vida” a sacudir o cinzento das fórmulas pré-estabelecidas.

Então podemos concluir com quatro assertivas centrais:

- 1- Nunca perder de vista que a consciência (a teoria) revolucionária é o vetor determinante para a missão e o sucesso estratégico do Partido Comunista. Cuidar das vias e meios pelas quais ela pode surgir e amadurecer é a questão central, desenvolvida na forma de um projeto político de poder próprio dos trabalhadores e exequível, atuando intensamente na realidade política concreta, na luta de idéias nas diversas formas de produção e manifestação de consciência, e na luta social.
- 2- O Partido é instrumento para constituir a consciência de classe do proletariado como sujeito político central do processo transformador, classe fundamental para a luta revolucionária, no nosso caso em aliança estratégica com a intelectualidade avançada e a juventude, as extensas camadas populares hoje deserdadas, vivendo em grandes aglomerações urbanas em nosso país. Ele cristaliza essa consciência avançada e dá-lhe uma forma orgânica.
- 3- Há um princípio diretor – o centralismo democrático –, mas não um modelo único organizativo de Partido, rígido e independente da experiência concreta da luta de classes. Leninismo não deve ser tomado como um modelo organizativo único da experiência bolchevista (forma historicamente determinada, em função da época e da estratégia), codificado pela 3ª Internacional. Leninistas, sim, mas construindo modelo organizativo adaptado às circunstâncias de nosso país, nosso tempo e nossa gente.
- 4- Portanto, teoria e prática de partido são históricas – precisam ser desenvolvidas. E nesse percurso, buscar as singularidades do tempo, dos desenvolvimentos estratégicos que se impõem, das originalidades de caminhos de cada país, como determinantes dos papéis, funções, identidade e perfil do Partido em cada situação nacional. Caso contrário, os Partidos Comunistas podem tornar-se disfuncionais à consecução de seu projeto político ou não ter um projeto exequível de transição para o socialismo.

Partido para dar consequência ao pensamento estratégico⁴

O PCdoB é tributário de um caminho articulado em torno da chave de permanência e renovação na concepção de Partido.

Permanência de um partido revolucionário dos trabalhadores, de compromisso militante, unidade política e ideológica em suas fileiras, que persevere quanto à identidade e princípios, não retroceda dos fundamentos assentados pela ciência política marxista e a luta de classes do proletariado.

⁴ Com a colaboração de José Carlos Ruy e Oswaldo Napoleão.

Renovação no sentido de atualizar concepções e práticas de Partido, tornando-as funcionais ao projeto político do partido, nas condições do Brasil, do povo brasileiro e do pensamento estratégico renovado. Daí decorre a recusa de um modelo fixo e imutável de organização partidária. O modelo único de partido, oriundo da 3ª. Internacional, reflete de modo imperfeito os conteúdos e formas das relações sociais e da luta de classes, e mesmo das exigências da vida interna do Partido.

No caso do PC do Brasil, renovação tem a ver também com algum retardamento no enfrentamento desse desafio. Completaram-se 21 anos de legalidade, tendo o 8º Congresso – o da crise do socialismo – de permeio. O esforço foi acentuadamente gradualista. Na última década, em especial, avança-se mais rapidamente. O Estatuto aprovado no 11º Congresso representa a síntese mais elevada a que se chegou.

Na verdade, iniciou-se a partir daí uma nova luta para implementar a nova cultura político-organizacional.

Mas a chave permanência-renovação precisa ser referida ao substrato que a envolve. Deve-se ressaltar que a determinação mais importante que concorre para a atualização de concepções e práticas é dada pelo pensamento estratégico ao qual deve corresponder o Partido. Concepção e prática de partido, para os comunistas, derivam do projeto estratégico nas condições próprias da formação econômico-social brasileira. Em outras palavras, é necessária uma visão desenvolvida quanto ao programa, caminhos e estratégia para o socialismo para pensar o Partido e seu papel: Partido Comunista serve à consecução de uma estratégia revolucionária dada. [Quanto mais madura se faz as respostas em torno de um caminho brasileiro ao socialismo, tanto mais se modelarão progressivamente teórica e praticamente as feições do partido comunista]. Num esforço de síntese, surge aqui uma segunda chave essencial à reflexão – a questão da hegemonia e de originalidade. Hegemonia compreendida como o centro do objetivo estratégico. Construída pelo partido no processo da luta política, buscando conquistar a supremacia pela força das idéias – o consenso – e a força política, de massas e do poder de Estado [para fazer frente à reação das forças econômicas dominantes].

Capaz de pôr o proletariado à direção de um bloco avançado de forças sociais e políticas transformadoras.

Compreendendo o caráter prolongado e multifacético da luta por abrir caminho ao socialismo, antes, durante a após alcançar o poder político. Luta que tem caráter político, mas também cultural, envolvendo valores avançados em todas as esferas da vida social. E compreendendo que nesse percurso se necessita de um Partido influente em todos os aspectos da vida política e social, organizativamente forte, extenso em militância e com larga estrutura de quadros forjados nessa perspectiva, capazes de articular todo e qualquer tipo de ação com um projeto global transformador da sociedade.

Originalidade como exigência de o Partido assumir características próprias para o tempo presente, apreendendo o Leninismo em sua essência e não nas formas modeladas por determinados períodos e experiência histórica, a saber, a do bolchevismo e a codificação que produziu no âmbito do Marxismo-Leninismo da 3ª Internacional. Exigência de desenvolver a teoria e prática de Partido para forjar o papel, feições e formas organizativas em funcionalidade com o projeto político para o país, com as tradições, história, cultura e psicologia dos brasileiros. Porque o espaço privilegiado do pensar estratégico ainda é o espaço nacional e o Brasil é um país grande, singular, com tradições bem demarcadas. Por um lado, pouca tradição de partidos políticos nacionais – o único que persistiu por mais de oito décadas é precisamente o Partido Comunista. Por outro lado, os grandes momentos

transformadores no país só foram alcançados com a união de amplas forças políticas e sociais – por vezes até antípodas na origem -, numa forte tradição movimentista (como de resto na América Latina). Esse foi o caso, no Brasil, da luta pela expulsão dos holandeses, nos movimentos pela Independência, Abolição e República, na chamada revolução de 1930 e na Aliança Nacional Libertadora, mesmo mais recentemente, na luta contra a ditadura, nas Diretas Já e no impeachment de Collor, na campanha da Frente Brasil Popular com Lula presidente. Além de implicar componentes de pensamento tático e estratégico, parece claro que isso influencia em menor ou maior medida também a forma-partido no país.

(...) É possível e necessário extrair algumas reflexões sobre o tema Partido na atualidade, partindo as premissas do pensamento estratégico.

Como afirma Renato Rabelo, presidente nacional do PCdoB, a reação ao estado de coisas do mundo hoje vai dar ensejo, em perspectiva, a uma nova onda de luta pelo socialismo. As premissas de uma re-elaboração programática e estratégica surgem da realidade atual. Porque a situação, objetivamente, gera seu oposto, sob formas variadas de contratendências de caráter anti-imperialista e conflitos interimperialistas.

Elas se baseiam na tendência objetiva de desenvolvimento dessa situação. Na retomada, os ideais não vão ser iguais aos do início do século 20, porque as condições objetivas são distintas. A resposta subjetiva também o será, porque o ideal se regula pela realidade social. A consciência se altera perante as novas realidades sociais, a própria teoria, as concepções e conceitos precisam evoluir para dar conta da nova realidade, amparadas no aumento incomensurável do manancial do conhecimento humano nas últimas décadas.

Torna-se premente, mais que antes, um partido comunista de princípios, que resista à ideologização regressiva capitalista neoliberal; capaz dessa re-elaboração programática e estratégica; atuando no seio do movimento real, fazendo frente às pressões pragmáticas e liberalizantes, corporativas e dogmáticas; partido de ampla ação política de massas, de sólida formação teórica e convicções ideológicas, e extensas fileiras de quadros e militantes.

Nessa direção, as reflexões estratégicas no Brasil levaram a superar muitos esquemas de pensamento, num sentido mais realista e concreto (...). Foram amadurecidas desde o 8º Congresso, na Conferência de 1995 que formularam um Programa Socialista e, sobretudo, no 12º Congresso que extraiu mais consequências da realidade contemporânea, atualizando o programa de 95 com um novo Programa, tendo o socialismo por rumo, pelo caminho de luta por novo projeto nacional de desenvolvimento.

Pensando a partir dessa perspectiva estratégica, parece claro que a organização política vai assumir feições próprias para lutar pelo projeto nessa realidade. Que se extraiu, em aproximações e sucessivas concretizações? Sem ser extensivo, mas de modo seminal:

- O Partido Comunista deve ser a consciência avançada do tempo contemporâneo. Partindo dos fundamentos do marxismo e do Leninismo, desenvolver a teoria revolucionária, inclusive a teoria de partido. Sua estrutura e ação precisam incorporar modos de desenvolver a luta de ideias, inclusive no seu interior, como também em relação com os polos avançados do saber fora do Partido.

- O PC deve ser o instrumento que organize a luta pelo projeto político estratégico do Partido. Esse projeto deve se tornar mais tangível e ser infundido, perseverantemente, a todos os aspectos da vida e luta social da qual participa. Isso implica em ser um instrumento de ampla ação política de massas, valorizar o pensar político, saber atuar no curso dos movimentos político-sociais, com as

particularidades próprias muito marcantes na história do país, sem desprezar a rica tradição de movimentismo da história nacional e na do próprio movimento revolucionário socialista. Portanto, estabelecendo uma rica relação entre Partido e movimentos, além de o Partido constituir seus próprios movimentos de massa, e não se recusando a atuar também nas esferas institucionais.

- O PC está em fase estratégica de acumulação de forças, caminho tortuoso, que vai conhecer vaivens, fluxos e refluxos, atuando, em legalidade e eleitoralismo como forma de luta de forte centralidade, no seio de amplas frentes políticas onde o PC não é força predominante. Vai precisar, portanto, ser extenso e numeroso e adquirir musculatura eleitoral, participando inclusive de esferas de poder local e nacional. Vai sofrer muitas pressões provindas desse ambiente de liberalismo. Por isso, precisa adotar medidas conscientes e efetivas de contrapeso, para não se perder no pragmatismo imediatista. A vida interna vai ser mais conflitiva, exigindo desenvolvimentos dos mecanismos democráticos e institucionalidade do Partido, e dos referenciais mais avançados de valores militantes, políticos e normativos, para perseverar quanto ao caráter.

- O PC deve saber trabalhar sua identidade de modo contemporâneo. Um socialismo renovado, com o jeito e a cara do Brasil como dizem os jovens, de sentido patriótico e anti-imperialista, tendo por base uma ampla democracia popular. Identidade que acentue aquele aspecto da identidade partidária patriótica ligada à questão nacional e mesmo latino-americana, dos grandes líderes e mártires da independência, e dos grandes movimentos unitários do povo, anti-imperialistas.

- O PC é o instrumento essencial da construção do sujeito político central da revolução social, o proletariado. Isso implica centralidade de estudos e esforços para abordar a crua realidade da vida e luta dos trabalhadores, infundindo-lhes identidade e consciência de classe.

- O PC deve perseverar nos fundamentos de partido de compromisso militante, de unidade ideológica e com centralismo democrático. E deve ter características renovadas de estruturação, de modo a que o apelo à militância se faça tangível para a vida dos cidadãos e cidadãs, e para fazer aderir mais fortemente a prática da militância à realidade social. Isso implica em conceber mais ampla democracia interna sob direção centralizada e a reformulação do papel e critérios da militância, dos quadros, das organizações partidárias, das normas e regimentos de vida interna. Especificamente, é um PC de quadros e de massas como expressão da necessidade de uma ampla e extensa formação militante, portanto, de características de estruturação. Saber ver aí não apenas os princípios e o principismo, mas respostas funcionais ao projeto político e às tradições e características da luta do povo brasileiro. E na essência, conforme o 11º Congresso, assentado numa sólida estrutura de quadros compromissados inteiramente com o Partido, os trabalhadores e sua causa. [Como se sabe, o 12º Congresso avançou precisamente na definição de uma política de quadros inovadora, contemporânea e avançada].

Partido de quadros e Partido de massas

A afirmação do papel do Partido na atualidade precisa de respostas atualizadas ao problema do caráter e perfil militantes, bem como ao caráter e perfil das formas de organização (...) O caráter militante e o pertencimento a uma das organizações partidárias enquanto expressão de compromisso com o Partido e com a luta revolucionária, o compromisso com a sustentação material e aplicação da linha política decidida pela maioria, repõe-se desde sempre para o PC. Aliás, isso integrou-se à moderna teoria do Partido revolucionário marxista e influenciou fortemente as organizações políticas de massa em geral, ao longo do século 20. Lênin foi o grande formulador desse caminho. Somos seus herdeiros.

Já foi muito argumentado entre nós que não decorre de Lênin um modelo único de militante e de formas organizativas, ou seja, há necessidade de tomar historicamente Lênin na sua teoria do partido revolucionário. Teoricamente, ele o fez em combate aberto ao economicismo que fazia a

apologia do elemento espontâneo a partir de uma compreensão evolucionista e mecânica da luta do proletariado.

Assentando as fundações do Partido em bases ideológicas, deve-se a Lênin ter levado também ao terreno da organização a luta e demarcação com o oportunismo (...) Em resposta a Rosa Luxemburgo, que o criticou como apologista do ultracentralismo, Lênin argumentou ter defendido “teses elementares de qualquer sistema de qualquer organização concebível de partido”. Lênin preparava um partido verdadeiramente voltado ao movimento revolucionário, capaz de unir uma sólida consciência teórica à iniciativa política concreta mobilizadora das massas. Compreensível, então, o papel destacado dos quadros políticos preparados, a partir “de cima”, com a ampla organização pela base de milhares e milhares de militantes imersos no movimento real das massas de milhões, ligados a ele por laços profundos. Mas, nunca perdemos de vista, ele formulou tais ideias inicialmente em ambiente de absoluta clandestinidade e conspiratividade, implicando em formas organizativas de determinado tipo que, aliás, ele mesmo não deixou de conclamar à superação quando se avançou na conquista de liberdades. Por isso, a contraposição entre partido de quadros e partido de massas – que assolou o debate e até hoje é utilizado como estigma acerca da forma organizativa do Partido – deve ser contextualizada histórica e concretamente, não mantendo validade universal.

Se falamos de modelo organizativo, precisamos, além das bases teórico-ideológicas, falar de outras determinações que concorrem para sua formulação. Uma delas decorre dos caminhos e da estratégia do movimento transformador. Lênin situava-se no tempo de uma situação de ofensiva estratégica, num tempo onde a revolução estava na ordem do dia. Não poucas vezes foi apodado de “jacobinismo”, confundindo espírito e decisão revolucionários com uma estratégia determinada, a do “assalto aos céus”, ou seja, o caminho da insurreição – que naquele contexto conquistou vitória estratégica para o proletariado transformando a velha Rússia na poderosa URSS.

Também a destacar, como determinação do caráter das formas organizativas, as características da realidade social. O início do século 20 foi marcado, por exemplo, pelo processo de ampla industrialização, sob o paradigma fordista-taylorista, que determinava as fábricas como o lócus central do conflito social, o que organizava o conflito no conjunto da sociedade por meio da luta do proletariado no âmbito econômico sindical e político. Disso entre outras coisas derivava outra determinação, de caráter normativo, assentando o modelo que afinal foi sendo constituído no âmbito da 3ª IC e foi largamente predominante nos PCs. De 1921 é a referência da 3ª IC para as células de fábricas como forma central a predominar no sistema de organizações partidárias. Outras resoluções subsequentes foram apontando para a necessidade de fazer confluir a estrutura de comitês partidários com a divisão político-administrativo-jurídica do Estado.

Cada uma dessas determinações tem seu próprio desenvolvimento histórico-concreto a cada situação da luta de classes e produziu respostas adaptativas. China, Vietnã, mesmo Cuba – para não falar da luta revolucionária anti-colonial fizeram experiências originais, mesmo no âmbito da 3ª IC, ou seja, os caminhos da luta determinaram fortemente a forma organizativa assumida pelo Partido.

Outras respostas, pela direita, também foram produzidas e, no fundamental, levaram à descaracterização do caráter do Partido – vários exemplos do eurocomunismo e revisionismo atestam o fato. Também respostas doutrinárias, de cunho dogmático e esquerdista, fossilizaram o papel do PC. Tudo isso é certamente indesligável do conteúdo ideológico e do pensamento político que cada uma dessas forças abraçou, mas também é certo que o papel, função, feição e forma organizativa do PC refletiam esses conteúdos e moldaram “modelos” originais.
(...)

Na realidade contemporânea, [um] sentido do debate é esse: respostas [novas] são necessárias também no sentido organizativo. O perfil e caráter da militância, o perfil e caráter das formas organizativas, o modo de aplicação e desenvolvimento do centralismo democrático incluem-se no rol dessas respostas.

Não há um “modelo” imutável, porque são diversas as condições em que se forja a consciência revolucionária marxista hoje e são diversos os problemas da sociedade contemporânea. Além disso, o projeto organizativo precisa ser funcional aos caminhos do movimento transformador e, portanto, deve se desdobrar em linhas de construção adequadas ao propósito do nosso projeto político. Por isso, o debate é necessário: partidos são instrumentos [para a luta política] e não fins em si mesmos, e também estão sujeitos ao desenvolvimento histórico, tanto na prática quanto na teoria.

As respostas que precisamos fornecer no terreno das questões de organização do partido se articulam com as exigências estratégicas de nossa luta. Dito de forma direta, elas se articulam em torno da necessidade de um Partido de vanguarda sim, mas até por isso mesmo, um partido grande, uma formação organizativa ampla, extensa e articulada: um Partido Comunista de vanguarda., estruturado como partido de quadros e de massas, e não meramente um partido de quadros. E, particularmente, forte entre as classes trabalhadoras.

(...)

Não é novo o debate sobre o Partido de vanguarda, marxista-leninista e de massas. Não poucas vezes relacionou-se com respostas político-ideológicas oportunistas, que acabaram por descaracterizar o caráter do Partido, transformando-o em organizações amorfas e eleitoreiras. Mas também se pode relacioná-lo com respostas necessárias de caráter revolucionário.

Um desses debates ocorreu no âmbito da esquerda italiana, nos idos da década de 60. [Foi retratado pela New Left Revue, numa publicação de Cuadernos Anagrama, com um texto de Lúcio Magri, italiano que, junto com Rossana Rossanda, Aldo Natoli, Massimo Caprara e Luigi Pintor, do PC italiano, fundaram o grupo Manifesto. O título dado à edição do livro de Lucio Magri foi “Problemas de la teoría marxista del partido revolucionário”, de 1970].

Vários de seus protagonistas, buscando atualizar tais respostas, deram contribuições importantes, mesmo que depois não as tenham sustentado. [Ao contrário, Lucio Magri renegou o próprio ensaio, dissentiu profundamente do PCI. Chegou a nova conclusão de que a burocratização será inevitável e o domínio de massas passivas sem a radical introdução dos conselhos operários para o papel do partido revolucionário. Mas - a vida dá voltas - retornou no fim da vida ao PRC, em 2011, quando faleceu suicidando-se. Foi homenageado no congresso do PRC em novembro de 2011, ao que estive presente].

Transcrevo livremente, para ajudar no debate, algumas passagens das formulações feitas então, [expressando as polêmicas envolvidas no debate].

O objeto em questão é que, partindo de uma visão sobre a estratégia de nossa luta e o papel do PC, torna-se essencial valorizar a adequação do perfil organizativo do partido. Ou seja, um partido de vanguarda estruturado como partido de massas exige características específicas de estrutura e funcionamento. O partido segue sendo encarado como partido de militância política, de homens e mulheres que se emancipam, capazes de se solidarizar e comprometer com a luta dos explorados, que aprofunde as marcas centrais de um partido da classe, de vanguarda, de luta e que permaneça com a exigência de uma estrutura centralizada, democrática e unitária para cumprir seu papel. Mas, ao mesmo tempo, estrutura-se como uma formação grande e articulada, que dialoga e interage com a sociedade em suas múltiplas vertentes.

É inescapável que um tal perfil organizativo exija desenvolvimento de dois pilares centrais: 1) que seja um partido de ampla militância política e mantenha organicidade e não apenas um partido de quadros; 2) que atenda a novas exigências na aplicação da democracia interna e centralismo.

Vejamos um de cada vez.

A ideia do partido leninista em seu tempo e em suas condições foi a de um partido dotado de unidade de vontade e ação, a definição democrática dos objetivos, a ação sem reservas uma vez decidido o rumo, o critério de eficácia na ação. Uma disciplina livre e consciente, encarando a liberdade como consciência da necessidade. O ato de militância como compromisso de toda a personalidade, não como sacrifício ou suspensão da liberdade individual, mas assentada inerentemente numa justa teoria, numa justa linha política e ideológica e fidelidade sem reservas à causa proletária e à luta da massa popular.

Partido de luta, voltado permanentemente para a crise revolucionária, caminho da conquista do poder. Era e continua a ser assim: sem comunistas assim não há movimento revolucionário consciente.

Mas essa formação exhibe capacidade imperfeita para expressar de maneira articulada o conteúdo e as linhas de desenvolvimento da vida social. Porque, como se argumenta com frequência e corretamente, a sociedade não vai começar a mudar apenas a partir da conquista do poder político.

O próprio papel do PC e sua organização são, por assim dizer, prefiguração da sociedade futura, e tem forte papel pedagógico para forjar a consciência de classe e a hegemonia das classes avançadas em toda a sociedade. No limite, aquela formação exigiu mediações moralistas ou impositivas. Sem decair nesse princípio e no compromisso global da pessoa, sobretudo para os quadros, no novo perfil organizativo é preciso não contrapor de modo absoluto a opção de militância política às esferas da vida social, profissional, familiar, acadêmica, etc. O ato de militância perde seu caráter abstrato: segue sendo opção radical e cotidiana de cada um, implica opções políticas e ideológicas, mas não exige a suspensão do privado, e sim sua qualificação. A figura de militante e do homem e mulher sociais coincidem mais (embora não plenamente antes da nova sociedade). Busca-se comprometer a capacidade, vocação e talento pessoal de cada qual, nas condições em que ele pode e quer atuar, segundo seu nível de assimilação ideológica. E, a nível massivo, a militância vai se apresentar com feições setorializadas, articuladas politicamente, como várias gradações de um continuum.

Isso exige o trabalho permanente por desenvolver sólidos valores ideológicos (não o indivíduo de têmpera especial, mas de consciência política revolucionária e compromisso com uma luta de fins objetivados), vai exigir portanto clareza e positividade quanto ao projeto político, linhas de trabalho político em áreas diversas da vida social, e sua articulação com o projeto político global do Partido. E na estrutura organizativa, exigirá promover essa adesão à realidade social e às diversas formas da luta social, este emprego geral de capacidades e interesses. Portanto, uma tal compreensão aponta para o reforço da organicidade, em variadas formas, capaz de permitir a generalização e socialização das experiências e envolvimento de cada um. Aponta também para a relativização dos critérios exclusivamente territoriais, bem como maior elaboração de políticas para alimentar esse trabalho pela base e intensificação da formação teórica e trabalho ideológico nas bases. Assim pode-se instaurar um nível superior de grau de atividade dos filiados e de participação individual na vida coletiva do partido.

Quanto à democracia interna e centralismo, a questão não é menos preta de consequências. Tratamos da ideologia revolucionária como base fundante do PC – essa a consequência essencial da contenda entre consciência e espontâneo em Que Fazer? e daí a compreensão da necessidade da ausência de pluralismo de correntes ideológicas no interior do Partido – donde a ausência de tendências consolidadas em seu interior. O princípio do centralismo democrático trata do problema da unidade e disciplina no interior do Partido. Lênin entendia a promoção da unidade e disciplina como decorrentes da fidelidade à revolução (tenacidade, abnegação e heroísmo); a capacidade de fundir-se às mais amplas massas; decorrência de uma acertada orientação política da vanguarda, com a condição de ser comprovada pela experiência das próprias massas. Advertia que isso só se forma mediante esforços prolongados e dura experiência. E concluía: isso é facilitado por uma teoria revolucionária que não é dogma, mas só se forma em estreita vinculação com a atividade prática de um movimento verdadeiramente de massas e verdadeiramente revolucionário. Uma dialética revolucionária genial, completamente livre de dogmatismo e voluntarismo!

Portanto, insista-se, a unidade e disciplina era concebida primariamente não como questão de métodos, mas como problema essencialmente da linha política e de conteúdos ideológicos ajustados: interpretar adequadamente as exigências da situação, o nível de consciência, as possibilidades, e transformá-las em iniciativas e objetivos adequados, gerando o consenso. A não ser assim, o estímulo ao debate se transforma em cisões e paralisia, de instrumento se transforma em fim, leva à perda de objetivos unitários. O Centralismo Democrático dá conta disso, como princípio ativo: sem contraposição entre os dois termos, mas em relação dialética. Centralismo só é possível com uma linha democraticamente adotada senão degenera em culto à personalidade ou em linha imprecisa, de compromisso, deformada. Democracia sem esforço unitário constante e sem disciplina de todos, leva a grupos organizados e acaba por paralisar a própria polêmica e indagação. Podem predominar mais ou menos, segundo as circunstâncias e a maturidade da força revolucionária. Falamos então da necessidade de aplicação ampliada da concepção leninista do centralismo democrático para esse tipo de partido de vanguarda como organização de massa.

Mas há riscos iminentes a esse caminho do PC extenso de massas. Também não é uma discussão nova. A extensão da formação organizativa não compromete inerentemente o caráter de vanguarda e a identidade revolucionária do partido; ao contrário, pode potenciá-los porque o liga mais com o movimento social e dá mais exequibilidade a seu projeto político. Mas uma formação grande pode criar maiores problemas quanto ao caráter de classe no tocante à composição de suas fileiras e também quanto ao conteúdo de sua ação: porque a ação do partido passa a se relacionar com diferentes segmentos sociais com base em plataformas comuns; porque há maior pressão por soluções político-organizativas oportunistas, por tendência à burocratização, a soluções de compromisso, a inserir-se nos costumes e hábitos da classe dirigente; cria-se tendência a projetar quadros para a atuação política em detrimento da dedicação às questões de partido e porque o caráter massivo pode tender a sobrepô-lo a outras organizações do movimento, comprometendo a autonomia destas e tornam maiores as pressões corporativistas.

Tais reflexões têm, creio, sua validade para estimular o debate. Sem dúvida, apontam para soluções mais originais quanto ao perfil militante e perfil das organizações partidárias. Podemos falar, quem sabe, de critérios mais amplos de militância, ou de diferenciação de direitos e deveres entre filiados e militantes, com formas de organização variadas, com reforço da organicidade pela base, tendo local de trabalho como prioridade. Saberemos extrair consequências – inclusive de adaptações normativas das conclusões a que chegarmos num debate paciente e mais ou menos prolongado.

O importante é saber que as opções a serem feitas nesse esforço de atualização de nossa concepção e prática de Partido, mesmo quando corretas, implicam em riscos e custos, e estes exigem

contrapesos efetivos para assegurar o caráter do PCdoB. Por isso, sobretudo, a permanente vigília quanto a dar papel central em nosso projeto político à classe operária, valorizando sua centralidade no trabalho partidário, e o mergulho no movimento social, como elemento marcante do caráter do Partido e antídoto à burocratização e institucionalização de sua luta.

Uma coisa parece certa desde sempre: quanto mais ampla a base militante, maior formação, coesão e dedicação se exigem das direções. Daí a centralidade de uma política atualizada de quadros e de reforçar o papel dos comitês dirigentes.

Nossa trajetória própria, em 81 anos, já o disse antes, foi marcada pela modelagem e por difícil clandestinidade. Foi própria de um partido de quadros, numericamente restrito. Deveríamos valorizar mais nossa experiência própria – como a da UJS, essencialmente original e inovadora -, nossa originalidade enquanto povo e enquanto processo político nestes alvares do século XXI. Por isso a afirmação do documento da 9a. Conferência (2003): quanto mais madura se faz a indagação de um caminho próprio à transformação em nosso país, tanto mais deve maturar a resposta sobre as linhas de estruturação do Partido. São ainda tempos de defensiva estratégica, de defensiva ideológica, afetando a opção militante.

Mas se raia novo ascenso da consciência crítica e transformadora, perseveremos em sustentar nossa coerência revolucionária, que será referência para a nova geração de militantes políticos que despertará.

E saibamos abrir as portas do PCdoB para acolhê-los em nossas fileiras, dotá-los de consciência política e organização, emancipá-los com a vida militante num partido de rica vida interna e de atuação entre as massas.

Militância mais estável em organizações definidas desde a base

Ritmo líquido se infiltrando no adversário, grosso, de dentro, impondo-lhe o que ele deseja, mandando nele, apodrecendo-o.

Ritmo morno, de andar na areia, de água doente de alagados, entorpecendo e então atando o mais irrequieto adversário”. Ritmo quente, águas de aluvião, Arrastando, tomando de assalto Cidades e casamatas. Vencendo, por persistência e determinação.

(Adaptado de João Cabral de Mello Neto)

Dar-me asas, atando-me os pés, é o mesmo que condenar-me à prisão.

(Machado de Assis)

Na guerra primeiro elabore os planos que assegurarão a vitória e só então conduza teu exercito à batalha, pois quem não inicia pela construção da estratégia, dependendo apenas da sorte e da força bruta, jamais terá a vitória assegurada.

(A Arte da Guerra)

A mobilização do 12º Congresso recoloca um tema permanente da vida partidária: a questão da militância organizada. É nesses momentos que se retoma a estruturação de bases e outras organizações do partido; entretanto, sabe-se que em grande parte dos casos elas se esfumam posteriormente, nos mil e um condicionamentos da vida. Nas organizações políticas revolucionárias em nosso país, incluído o PCdoB, sempre foi muito difícil dar um caráter mais persistente ao trabalho de base, mesmo nas fases de ascenso do movimento social e sindical. Mas experiências muito importantes existiram e existem, onde o PCdoB alcançou, também devido a isso, um papel principal de dirigente político de lutas do povo e redutos eleitorais.

A singularidade atual da edificação do PCdoB é seu vigor político, fileiras em expansão, com concepções e práticas renovadas de partido. Isso possibilita superar o problema em maior grau, no rumo de uma militância mais estável e estruturada em variados graus e formas de organicidade definidas desde a base, como modo maduro da vida partidária.

Novo debate coletivo

Nos três últimos Congressos (1997, 2001 e 2005), bem como na 9ª Conferência (2004), no 1º e 2º Encontro Nacional sobre Questões de Partido (2004 e 2005), formulou-se uma linha de organização para interrelacionar, na atuação das organizações militantes, a direção política, a intervenção na luta social e a estruturação partidária. Formou-se no 1º Encontro um “decálogo” e no 2º Encontro a prioridade às relações de trabalho como critério organizacional, ainda hoje válidos. O Estatuto aprovado em 2005 consolidou uma cultura política de ampla flexibilidade de formas e tipos de organizações, segundo o que melhor permita a participação ativa dos membros do partido na elaboração e ação política. De certo modo – positivo – o Estatuto está adiante da prática prevalecente.

(...)

Ação militante abnegada há, sem o que não se teria alcançado os êxitos dos últimos anos. Mas é muito fluida a atuação das organizações desde a base, o que leva a uma pequena estrutura militante mais perene, uma ampla margem flutuante com participação sazonal ou pouco regular, um entorno disperso.

Muitas vezes, o esforço predominante ainda é fazer funcionar adequadamente os próprios comitês municipais. Nas batalhas que dominam a cena política, as eleições, uma aparente contradição: um auge de mobilização militante, com um ativismo político dispersivo. Agrega-se a isso o que se pode chamar de “crise de crescimento”, aportando dezenas de milhares de novos membros: na última década, o PCdoB multiplicou por três o número de membros e avançou para dois mil municípios. Tudo isso cria defasagens entre os propósitos da orientação política e a força para implementá-la junto aos trabalhadores e ao povo.

O questionamento de concepções teóricas e ideológicas sobre o tema é residual. Todos parecem compreender que militância é a forma de forjar convicções e compromissos na vida partidária coletiva, onde se assume um contrato de direitos e deveres motivados por disciplina livremente aceita, num processo de construção dialética da consciência. Mas há falta de clareza política da vantagem de laços militantes mais estáveis como um elo central da vida partidária.

O que se verifica é uma prática de duplo caráter. Uma é de pouca atualidade política: concepções anacrônicas, que se apegam a moldes de pensamento estratégico que prevaleceram no passado, como epígonos de presumido bolchevismo.

Organizativamente, leva a reuniões de pequenos círculos, sempre com os mesmos, e rebaixa o esforço propriamente organizativo, com base em apelos ideológicos que não alcançam nem mesmo parcela estreita de militantes. Baseia-se numa mentalidade que transforma costumes datados em normas e, estas, muitas vezes, em cláusulas pétreas. Tendem a identificar a noção de militância com sacrifícios, uma concepção estreita ou muito estrita de militância que esteriliza o terreno para uma participação mais ampla de membros do partido na vida coletiva.

Outra é, a rigor, despolitizada, porque desconsidera desafios de fundo. Pratica concepções frouxas, vale dizer, liberais no espírito militante, procrastinando esforços por estruturar a militância desde a base, abrindo mão deles diante das primeiras dificuldades; é uma mentalidade de “tropa solta”, que rebaixa a consciência e tende a tratar os militantes como apêndices. Leva a ocupar o terreno com ervas daninhas em lugar de uma militância organizada mais extensa, porque, onde atuam, tais concepções têm potencial desestruturante sobre o conjunto.

As duas práticas são esquemáticas e ideologizadas: para uma os meios são mais importantes que os fins políticos; noutra supostamente os fins prescindem dos meios. O resultado, por diferentes caminhos, são liames militantes frouxos e pouco persistentes, ou que alcançam parcela restrita da militância.

No contexto de uma estruturação como partido comunista de massas e da centralidade atual da luta institucional-eleitoral, aumenta a pressão pelo liberalismo nos compromissos. Corretamente, o PCdoB não esconde essas pressões, nem se omite quanto a medidas destinadas a enfrentá-las. Mas ambas são práticas políticas atrasadas, de um pensamento estratégico que leva a derivações organizativas desligadas das necessidades da própria ação política.

Compreende-se que o tema é tão perene na vida partidária quanto insuperado até hoje. É preciso tirar o debate do impasse em que vive. Superar visões esquemáticas, ideologizações mistificantes, mentalidades. Principalmente, superar a defasagem político-organizativa que isso representa para o projeto político do PCdoB na atualidade.

Condicionamentos

Por que é tão difícil organizar politicamente bases militantes? É importante que não se compreenda isso como um ideal pelo qual a vida tivesse que se regular, nem apenas como falta de ideais. É preciso ir além, considerando duas premissas básicas para superar tal defasagem. Uma é a de que as defasagens são sempre dinâmicas; supera-se uma, criam-se outras. A questão é se se está em progresso ou em involução.

A escala atingida hoje pelo PCdoB permite enfrentar o desafio proposto com novas possibilidades. Verdadeiramente, a escala é absolutamente central para abordá-lo por novo ângulo, pois permite falar de alcançar organicidade que não seja à base de pequenos círculos gremiais, que não dariam conta das exigências políticas.

A outra premissa é que se persegue esse objetivo em meio a condicionamentos de ordem política, social e cultural, em contextos determinados. Não se pode desconsiderar o enorme peso deles na constituição de uma militância política transformadora. Hoje a “política” sofre permanente campanha de desmoralização, e os partidos são arrastados para uma suposta geléia geral, onde todos os “gatos seriam pardos”. A própria bandeira da ética e moralidade é utilizada para esvaziar o poder político real das instituições, em favor de poderes financeiros, corporativos e midiáticos, infensos a qualquer controle social democrático. Há eleições a cada dois anos, o que exige esforço hercúleo para vencer contra a força do dinheiro e do poder.

No caso do Brasil, elas se dão em votações nominiais (a legenda é secundária), com financiamento inteiramente privado, donde os mandatos pessoais alcançados são quase instituições singulares que se autogovernam. Contrapor-se a isso tudo, com um partido de maior organicidade desde a base seria um poderoso antídoto, por isso mesmo difícil de alcançar. É de se perceber, por exemplo, que

uma medida puramente político-institucional, como a instituição de voto em lista e financiamento público, seria grande alavanca para o fortalecimento de organizações como o PCdoB, permitindo amoldar mais e melhor sua estrutura organizativa.

O país, por outro lado, tem uma história política marcada por ondas mudancistas, forjando grandes frentes políticas e sociais heterogêneas, com acentos movimentistas, hoje marcadamente eleitorais. Isso, segundo óticas distintas, aparenta contradizer a necessidade de esforços persistentes por formar e ativar bases político-partidárias: para quê mesmo? Parece que a própria vida política, em seus fluxos ascendentes, se encarregaria de resolver a questão – o que é parte importante da verdade, mas desconsidera o trabalho “molecular” prolongado para se chegar a esses fluxos. Há, ainda, as dimensões do país, a indicar que só com um partido muito grande se pode colocar na ordem do dia, efetivamente, a questão de organizar bases que incidam realmente no processo político. Deveriam ser vastas bases, para superar a atomização.

Os condicionamentos são pesados igualmente na esfera da vida e lutas sociais. Vive-se hoje uma dispersão de causas de todo tipo, que mobiliza a consciência humanista, reformista e até anticapitalista de contingentes variados. Mas só lentamente elas vão se ligando a projetos políticos transformadores exequíveis e não meramente “possibilistas”, que unam amplas forças e as mobilizem para um novo projeto nacional de desenvolvimento. Entra aí o déficit do fator consciência das classes fundamentais.

A orientação política de movimentismo fragmenta essa perspectiva. A esquerda, é certo, crescentemente vai falando para a ampla maioria do povo – coisa inédita, a partir de Lula – mas de modo inorgânico; o movimento social organizado – adubo do trabalho de base – atinge apenas um terço da população. Avulta hoje o papel das igrejas; o individualismo é estimulado à exaustão; as redes sociais de proteção são precárias. Florescem a auto-ajuda, as filosofias folclóricas e exóticas, a dessolidarização e dessociabilização nas periferias dos grandes centros urbanos, a violência gratuita, as instituições criminosas ocupando os vazios do poder público. Percebe-se o quanto isso é hostil à noção de militância política, o quanto é difícil constituir uma força revolucionária de contracorrente à dominação do capital e mercantilização da vida social.

Não obstante, o Brasil, chegado à sua encruzilhada histórica – afirmar-se ou ter destino incerto enquanto nação –, está diante de novas perspectivas. Se é certo que não se está em plena fase de ofensiva política, é certo igualmente que cresce a politização do povo, na experiência inédita vivida na América do Sul. Nova geração de trabalhadores, intelectuais, jovens e mulheres, que vão fazendo sua própria experiência política. Fica mais claro que o Brasil necessita de uma esquerda determinada, socialista, de caráter unificado e com protagonismo político, visando a unir as forças populares para um novo projeto nacional. A questão de constituir uma militância ampla e estável, de líderes comunistas dos trabalhadores e do povo, é parte desse movimento concreto. Há espaço político para o PCdoB, é preciso ocupá-lo.

Dar asas à política sem atar-lhe os pés

O PCdoB elaborou linhas de acumulação de forças que realçam que a questão da organização política como parte irrecusável da acumulação de forças, na perspectiva estratégica. A questão central para o debate proposto é que, para uma militância extensa e mais estável, no caso do PCdoB, será mais frutífera uma abordagem radicalmente político-organizativa. Em que sentido? No de que organizações partidárias de qualquer tipo se organizam para a consecução de objetivos políticos, sem o que se estará no terreno da ficção. E no sentido de que a boa política precisa chegar ao povo,

pô-lo em movimento – aí é submetida ao teste da vida real, se está atrasada ou é artificial para o nível posto da luta e da correlação política de forças.

O sentido político da questão tem caráter estratégico, porque a acumulação de forças tem em vista alcançar hegemonia política, cultural e moral na sociedade. É um movimento prolongado, conscientizando e unindo os trabalhadores e o povo em torno de objetivos concretos, não apenas, mas também nas lutas eleitorais. Neste 12º Congresso, com o Projeto de Programa Socialista e o de uma Política de Quadros Comunistas para a Contemporaneidade, torna-se mais tangível aquilo pelo que luta o PCdoB, um caminho brasileiro ao socialismo no curso da luta por um terceiro ciclo histórico de afirmação da nação.

Pressupõe o partido como destacado integrante de um bloco político de forças avançadas de caráter nacional, popular e democrático, combinando reformas estruturais e rupturas, numa processualidade que compreende também movimentos de transformações mais aceleradas advindas da luta política e eleitoral. A hegemonia é o centro da estratégia e define o que se exige da organização política – que seja um líquido capaz de penetrar cada poro da sociedade, tomando a forma concreta das exigências de cada situação, fazer-se presente em todas e cada uma das formas de vivências, resistências e lutas sociais, numa disputa política persistente, no Estado e na sociedade, no rumo de seu projeto socialista.

Também tem sentido tático, mais concreto e imediato. Organizando politicamente a militância se ganha força política, seja nas instituições, no movimento social, intelectual ou nas eleições. Conquistas em qualquer um desses terrenos são suadas, exigem liderança que só se conquista com esforços prolongados, custam mesmo muito esforço financeiro. No nível posto da luta política no país, não se altera facilmente a correlação de forças eleitoral ou no seio das grandes entidades de massa sem um período de tempo mais ou menos largo, com preparação e persistência, vasto trabalho de base, apoio social e fortes aliados.

Quanto ao sentido organizativo, ocorre que sem a participação de um corpo extenso de homens e mulheres conscientes, unidos em torno de uma orientação política, perde-se energia na luta, ou deixa-se de transformar o potencial em movimento real. Ou seja: se dá asas à ação política. E outra face da moeda é que com isso se pode ganhar características diferenciais entre a esquerda brasileira, as de um partido onde todos têm vez e voz, elaboram e decidem a orientação desde a base, um partido onde acima das lealdades e afinidades pessoais está o projeto político unitário. Enfim, um partido de militância e não de “correligionários”, ou apêndices de mandatários. Isso é inexequível sem uma estrutura organizativa capilarizada que possibilite, ao menos isso, incorporar a todos na ação política. Como dizem militantes nossos: “quando se está organizado a sorte ajuda”; “não se junta água com peneira”.

É necessário desideologizar, em boa medida, o tema da militância e do trabalho de base, deslocando-o precipuamente para a esfera da necessidade política e para o terreno de opções organizativas concretas, ou seja, caminhos, métodos, logísticas e planejamento. Ligar decididamente isso à consecução do papel estratégico do Partido. Compreender que, para alcançar hegemonia, se necessita de uma militância extensa e presente em todos os terrenos da vida social, política e cultural, no Estado e na sociedade em geral. E se necessita, igualmente, ter uma visão mais larga de militância, não restringindo seu caráter apenas ao ativismo político-social, como também – e de forma crescentemente importante – o de uma militância pela ideia de um novo projeto nacional. Pode-se compreender a diversidade de formas e meios de levar os membros do partido à condição de militantes, variando de acordo com as circunstâncias da atuação deles,

penetrando as instituições mais influentes da sociedade. E é claro que a ideologia, base das convicções e motivações, estará presente, como amálgama dessa vontade coletiva.

Na abordagem radicalmente político-organizativa, uma visão avançada é conceber o desafio proposto como um vasto movimento para conferir organicidade, em variados graus e diversas formas, a uma corrente de opinião de massas com a política do PCdoB, estruturada como vasta rede politicamente ativa na sociedade, que chegue às forças avançadas e à maioria do povo. Essa é a perspectiva que emana do Programa em debate e da Política de Quadros contemporânea.

Em que pese o sentido eminentemente partidista da matéria, é preciso insistir que essa é uma tarefa democrática de ordem geral para a sociedade brasileira. Juntamente com uma reforma política democrática que fortaleça os partidos políticos, vai ser um impulso vigoroso por unir o povo brasileiro para um grande salto no fortalecimento da nação.

Direção política

Tal enfoque, em níveis mais concretos de determinação, torna necessária uma visão orgânica e sistêmica do conjunto do trabalho de direção, fazendo a devida mediação política entre as questões de concepção sobre a militância comunista e os resultados almejados, entre as exigências políticas e as possibilidades reais no nível posto da luta.

Faz falta em primeiro lugar um modo de direção política que induza a esses resultados. As próprias diretivas políticas da mobilização precisam pressupor – e indicar – uma pauta e agenda definidas para a vida de organizações de todo tipo. Mais claramente: as próprias diretivas políticas precisam demonstrar a necessidade de estruturação militante desde a base – ou elas são necessidades sentidas do processo político ou se tornam emblemas ociosos. Se na ação política não faz diferença ter ou não organizações de base, elas não vão ser constituídas – seria idealismo. Se basta o ativismo político geral de pequena parcela de membros do partido nas grandes batalhas, não haverá organizações partidárias mais definidas e duradouras, prevalecerá a dispersão orgânica.

Hoje, no partido, isso se volta mais propriamente aos comitês, mal ou bem. De fato, é necessário, nos casos de baixos graus de estruturação; mas é insuficiente, porque isso deveria ser apenas um meio para fazer chegar à militância e bases essa pauta e agenda, passíveis de serem ajustadas à sua realidade.

Um exemplo útil são as campanhas eleitorais: elas representam hoje a principal batalha política concentrada pelo poder. Se a vida de base não intervém nelas organizadamente, na verdade sinaliza serem desnecessárias. Já se falou, acima, da contradição que isso envolve – a mobilização que então se realiza parece um “defeito”, porquanto é dispersa. Mas há o outro lado da questão: é nelas que os liames ficam mais ativos, entre os militantes e entre eles e as direções, com pauta e agenda bem definidas. Outro exemplo foi a proposta de campanha pelas reformas estruturais democráticas (proposta pelo Comitê Central em março de 2007): promoveu-se seu lançamento em todo o país, mas pouco se organizou uma campanha propriamente dita, desde a base, capaz de levá-la ao debate do povo.

Mais uma vez, a chave parece ser: na luta política precisa-se estar vinculado aos trabalhadores e ao povo de forma sistemática, desenvolver as relações sociais locais em ligação com a luta política nacional, com mais campanhas mobilizadoras de todo tipo, com pautas e agendas dinâmicas. Isso é o que pode permitir a persistência das organizações partidárias.

Será muito relevante também forjar identidade bem definida do PCdoB na sociedade, seja a partir da atuação institucional-eleitoral, das lideranças de todo tipo, da presença nos movimentos sociais, na cultura, nas artes, na academia, com bandeiras ligadas ao novo projeto nacional, além de forte trabalho de comunicação e publicidade. Por isso também se insiste que, na agenda e pauta das organizações partidárias, precisam estar presentes campanhas próprias regulares com a identidade do partido. Alcançando falar para todos os trabalhadores e todo o povo, com identidade partidária bem difundida na sociedade, o trabalho de base será, de certo modo, a “sucursal” dessa identidade em cada local. Quem é “pessoal” do PCdoB? Não é o que aparece apenas em época de pedir votos; é o que faz parte da “comunidade”, parceiro na luta e na festa, apoio nas horas mais difíceis para manter as conquistas alcançadas, que está se mobilizando para novas conquistas; é o que está batalhando por um novo projeto nacional no plano das ideias. Há razão, portanto, para dizer que esse é um problema puramente político e de direção política.

Direção organizativa - organicidade em movimento

O foco de direção organizativa decorre daí: construir permanentemente uma pauta e agenda para a militância desde as bases, com um projeto político que a aglutine em cada situação dinamicamente, com debate político regular, apoio de quadros e controle de sua ação. Necessita-se de uma mudança de rumo da direção organizativa, com o apoio na direção política. Primeiro, para assegurar a governabilidade partidária por intermédio da política de quadros atualizada; segundo, para operar o partido por intermédio de estruturas auxiliares que visem a valorizar a organicidade desde a base.

A política de quadros atualizada possibilita chegar a uma infinidade de situações novas, particularmente no tocante a aglutinar um sem número de membros do partido mais diretamente ligados à luta de ideias, e com isso encontrar novas definições da condição militante nesse segmento. A proposição de coletivos, inscrita no Estatuto, ainda não é utilizada em todo seu potencial, mas é também uma forma de organicidade.

No que concerne ao tema de organizações de base, há duas chaves. A principal são os quadros intermediários e de base. A conclusão não é original, mas nova na escala: é necessário vasto contingente de quadros intermediários como modo de operar a vida interna – os pivôs de articulação da vida militante do PCdoB. E, igualmente, fixar o papel de quadros de base – afirmou-se, com razão, que eles são uma espécie de “elo perdido” na concepção e prática do PCdoB. Sem ambos, seria imaginar que o “rabo possa balançar o cão” e que estruturar a vida militante se daria por geração espontânea.

Trata-se, portanto, de opções organizativas determinadas. Ou seja, uma estrutura de quadros intermediários responsáveis diretamente por um conjunto de organizações partidárias, sob o comando dos quais são postos diversos quadros de base, num sistema de pivôs sucessivos, para aglutinar o contingente de militantes e filiados em cada região, pautando sua ação dinamicamente.

Podem-se constituir fóruns desses quadros de base e intermediários, com debate político, formação, apoio, acompanhamento regular e sistematização de experiência; o mesmo quanto a fóruns de secretários de organização de base e de comitês auxiliares no âmbito dos municípios ou em macrorregiões.

A segunda chave é compreender que alcançar organicidade desde a base não é um processo estático e fixo, ou segundo uma fórmula única. Está sujeita a leis de movimentos por ondas sucessivas,

tendo em conta as características da ação política a cada situação. Deve-se deixar de lado uma visão estreita de organizações partidárias como pequenos círculos, reuniões pouco dinâmicas, sem pauta determinada; operar assim a vida partidária emperra-a. É uma falácia o argumento segundo o qual campanhas desorganizam o partido – na verdade, desorganizam uma visão estática.

Ambas as chaves denotam trabalho cotidiano e metódico para fazer as mediações necessárias. A militância deve ter tarefas para o tempo de paz – campanhas políticas regulares, comemorações partidárias, solidariedade internacionalista, arrecadação de fundos, distribuição de materiais, cursos, debates congressuais etc. – e para o tempo de guerra – eleições, greves e lutas reivindicatórias, eleições dos movimentos sociais, mobilizações nacionais etc. Os comunistas são mais afeitos ao tempo de guerra.

É mesmo de se discutir até que ponto se pode ir em tempos de “calmaria”. Mas, melhor que discutir é agir. O que faz falta é um trabalho verdadeiramente organizativo, com ciência e método, ao longo de alguns anos, para alcançar resultados mais consistentes em valorizar a militância, cultivá-la, estimulá-la por todos os meios, dar-lhe maior organicidade de ação política.

Rede, estilos, métodos

Nesse tipo de abordagem organizativa, fica melhor definido o trabalho de organização em sua especificidade própria e na resolutividade requerida. Organização é política, mas também um determinado fazer administrativo como suporte à ação política. Enfim, é um trabalho com especificidade adaptada a cada área, setor ou segmento da sociedade.

Fala-se hoje muito em redes, como tema organizativo, com razão. A lógica de redes pode ser combinada com a organização política, até melhor que a lógica puramente “verticalista” mais própria dos partidos. A organicidade pretendida se compatibiliza com isso. As redes permitem mobilizar com rapidez um contingente mais ou menos largo da sociedade. A questão, mais uma vez será: uma pauta e agenda política, e coordenação para puxar a rede pelos nós, que são precisamente os quadros intermediários e de base. Neste particular, ênfase deve ser posta na possibilidade de organizar a ação militante a partir de relações não presenciais. Se de fato se tem uma pauta política e agenda, a internet é uma ferramenta poderosa para mobilizar e manter informada a militância.

Revoluções silenciosas estão sendo processadas nesse terreno. Particularmente, as redes são importantes em segmentos que lidam mais diretamente com informação e conhecimento, como os profissionais liberais, acadêmicos e professores, na área da cultura, arte e ciência em geral, na juventude em geral. Redes que podem se articular em torno das ideias programáticas do PCdoB, combinadas com eventos presenciais mais amplos nos momentos de definição de rumos.

Outro tema, este muito especial para os comunistas, é o de bases partidárias em setores e categorias, de trabalhadores em geral. As características organizativas, aqui, diferem positivamente, já que se busca aglutinar pessoas já organizadas pelo regime de produção e pela atividade sindical; e negativamente, dado o regime de falta de liberdade no chão das empresas e local de trabalho. Carecem, portanto, de esforço mais especializado e perseverante. Exatamente esse tipo de organização precisa ser mais definida e duradoura. Por que? Porque se relaciona com a base social definidora do caráter do PCdoB, o proletariado contemporâneo, que longe de estar em extinção, se ampliou e segue com o potencial de se constituir como a classe principal na luta contra o capital. É a ele que a política do partido precisa produzir maior aderência e representação e infundir maior consciência política. A linha atual de estruturação propõe priorizar, entre os critérios de organizar a

militância, as relações de trabalho, nem que para isso se necessite reuni-los em local de moradia ou em plenárias reunindo categorias e setores diversos.

Também são temas organizativos concretos as questões de estilo e método de trabalho militante – e não são secundárias. As organizações partidárias de todo tipo precisam se instituir como “parte da paisagem” natural da vida social nos locais onde atuem, abrindo as suas portas para o debate dos filiados e apoiadores, agindo com a identidade do PCdoB, relacionando-se amplamente com as forças de todo tipo, atuantes no mesmo meio. Onde isso ocorre – há experiências antigas e vitoriosas – constituem-se redutos políticos e eleitorais vitais para a luta de longo prazo. Onde isso se enfraqueceu, a vida mostra quanto tempo se demora a retomar posições. Onde se é um alienígena no meio em que se atua, nada progride.

Sobre métodos também há muito a fazer. As características do povo brasileiro são muito flexíveis e dinâmicas, avessas a muito formalismo ou mandonismo. É gente empreendedora, com uma mente ágil e de muita plasticidade. Mas o povo gosta de reuniões onde as principais lideranças estão presentes, atualizando o debate político, dando-lhes o exemplo moral. Assim devem ser as reuniões partidárias: empreendedoras e ágeis, com discussão e deliberações de ação realistas, motivadas; ativadas com a participação de lideranças partidárias; reuniões que muitas vezes são festas também. Reuniões longas, com muitas abstrações, sem clareza do por que estão sendo realizadas, tendem a se esgotar no próprio evento, mobilizarão sempre os mesmos, sem ampliar a organização.

Para tudo isso, o trabalho de organização em geral deve ser mais reforçado, como pilar destacado da estruturação militante. Precisa-se nessa frente de direção de gente madura, experiente e com autoridade, e apetrechá-la com recursos humanos e técnicos apropriados; indispensável também é haver uma estrutura de secretários em todos os escalões, até a base. Só assim se pode extrair consequências das justas e sadias preocupações da base com as insuficiências existentes, por um lado, e para fazer responder aos desafios do crescimento atual, sem travá-lo. É o caso de pensar em priorizar essa frente no próximo período de gestão.

Movimento coordenado em todas as frentes

Resumo concentrado da sinfonia: pauta política, agenda e quadros intermediários e de base para o apoio – essas as exigências de direção política e organizativa para a organicidade desde a base.

Subsidiariamente, invoca-se: 1) não desconsiderar as diversas formas e meios para ligar militantes ao projeto partidário não apenas mediante ativismo político-social como também em torno de ideias, essencialmente as da luta por um novo projeto nacional; 2) características versáteis do papel e funcionamento dessas organizações, inclusive no sentido de utilizar ferramentas modernas de informação, coordenação e mobilização, como parte da paisagem do meio em que atuam, constituindo redes organizativas dinâmicas na coordenação do movimento; no mais das vezes, plenárias de militantes e filiados darão conta disso, ou reuniões de coletivos, com a condição de que sejam sistemáticas, bem focadas e tenham pivôs coordenadores para atuar no passo de se constituírem de forma mais madura as organizações; 3) formas de “movimentismo” na vida das bases não é um mal; ao contrário, em campanhas de todo tipo se pode ativar mais e melhor a militância desde a base, porque elas não são necessariamente perenes, mas constituídas em dinâmicas próprias às exigências políticas, que são cambiantes. Por isso, mais campanhas, mais movimento das bases, mais utilização da internet – essa a perspectiva para estabelecer liames mais fortes entre os militantes; 4) movimentos como o proposto serão impensáveis sem o concurso dos quadros mais prestigiados do partido, líderes comunistas de expressão pública, os líderes internos e de massa, os dirigentes; se eles não participam do esforço de firmar a militância de base, não a

respeita e cultiva seu trabalho, não se dirige a ela regularmente, ou se se põem acima do partido e de sua vida coletiva, dificilmente se vencerá.

O que importa é essa direção geral, fazer convergir os esforços de todos os setores de direção para esses objetivos. Será realista, com isso, chegar a uma estrutura militante mais larga e em ação política organizada desde a base, capaz de polarizar regularmente uma margem mais ampla de filiados e incorporá-los à ação política. Enfim, amoldar mais a vida partidária, dar-lhe caráter mais maduro e menos amorfo.

Aí têm grande importância o trabalho de formação, de comunicação e da Carteira Militante. O mesmo pode ser dito das frentes de massa, numa via de duas mãos, estruturando para intervir na sociedade e intervir visando a estruturar mais o partido, sempre ligando os temas específicos ao projeto político geral do PCdoB. O exemplo de A Classe Operária é primoroso quanto a fornecer um tipo de trabalho regular e permanente para as bases na distribuição gratuita e sistemática. A internet tem sido poderosa ferramenta de unificação da orientação política em tempo real, com o acréscimo da exigência de fazer chegar seu conteúdo à militância de base. O trabalho de formação capacita os quadros intermediários e de base, bem como os militantes desde seu ingresso ao partido.

A CNM expressa o compromisso de eleger e ser eleito na representação partidária. A linha de estruturação e organização não tem pontos “cegos” quanto a isso. O que importa é desentranhar visões e atender às particularidades do processo político brasileiro. Se o movimento proposto ficar restrito a um discurso organizativo, tende a acentuar uma dicotomia com as demais áreas envolvidas que o levará ao insucesso. Pode-se esperar que, com o esforço sistêmico a partir das direções, sem dúvida ele vai motivar a recíproca da atitude dos militantes no esforço por auto-organizar-se e cumprir preceitos da vida partidária. Tem sido uma experiência real: a militância cresce – e sinaliza exigências às direções – quando é tratada com o respeito devido, valorizada e desafiada.

Pensar grande, atuar de modo focado e concreto

(...) A condição para crescer é ter a política no comando, a organização materializando a força, a consciência soldando compromissos. A condição para crescer é saber crescer – sem se dividir, sem se dispersar, sem se desencaminhar. Sem organicidade desde a base não haverá lugar para todos no PCdoB com uma política una, e isso travará o seu próprio desenvolvimento, transparecendo a ideia de uma organização que tem “donos” imutáveis e práticas atrasadas. É o caso de pensar política e organizativamente grande, e começar de modo focado e concreto, retomando nas novas condições essa luta por militância ampla e mais estável, com maior organicidade. Ela sempre acompanhou a estruturação do PCdoB. Não se vence tal batalha de um golpe só, ao mesmo tempo e em todo lugar. Objetivos podem ser traçados com realismo em cada município e estado.

Um rumo promissor será conduzir uma extensa campanha política e ideológica, organizativa e prática, num movimento de todo o partido, do alto até a base, durante alguns anos: planificar um movimento político organizativo de maior organicidade desde a base, estruturá-las e conferir-lhes papéis persistentes, valorizar a militância. É possível hoje pensar as coisas nesse rumo fora do horizonte do imediato, como também a médio e longo prazo.

O desafio proposto é a opção política mais eficaz ao projeto programático, por isso mesmo mais difícil de alcançar. É preciso mais eficácia na ação política – Lênin sempre insistia na eficácia e no espírito prático – e adaptar-se à realidade, porque a vida política do país vai impondo isso. Isso parte da premissa de que a matéria prima está dada: homens e mulheres que já se tornaram membros do PCdoB, ato elevado e consciente. Pode-se e deve-se partir dessa consciência dada, que

os trouxe ao PCdoB, para organizá-la na ação política concreta. Que a ideologização não atribua a eles as insuficiências do trabalho que se realiza no sentido de amoldar mais a vida partidária, conferir-lhe maior maturidade.

O PCdoB vai formando uma tradição própria e renovada de edificação de partido nos últimos 12 anos, cujas raízes remontam ao 9º Congresso: recusa a um molde único de organização, no caso o codificado pelo bolchevismo no âmbito da 3ª. Internacional. Tem a seu favor a compreensão de por a política no posto de comando da própria edificação, um modo politizado de lidar com a vida interna, algo mais de domínio da dialética entre as possibilidades e necessidades, entre o que é e o que devia ser, entre o curto e o médio prazo, entre vontade e condições objetivas. Isso é um patrimônio que se vai acumulando.

É preciso atentar para um problema frequente de qualquer movimento. Uma consciência elevada, assentada em premissas justas e realistas, impulsiona a superação de uma realidade dada. Esta, modificada pela ação, progressivamente vai exigindo novos enfoques – a consciência anterior fica defasada. O que se quer dizer? Que se deve atentar para mudanças de patamares, que superam as proposições anteriores.

O PCdoB mudou de patamar nestes anos, desafia-nos a novas aquisições de consciência, numa evolução dialética. Que o esquematismo não nos impeça de ver novas possibilidades na realidade e cambiar formulações. Pode-se vencer pelas ideias, pode-se dirigir pelas ideias; quando justas e maduras enquanto necessidade objetiva, apossam-se da consciência e se tornam força material.

O PCdoB superou muitos rubicões em sua trajetória e sempre foi movido a desafios. Todos envolveram luta prolongada. Nada de antemão faz supor que não se possa enfrentar também esse, de constituir uma militância estável e organizações partidárias mais definidas. Precisa-se alcançar maior clareza da necessidade; ter visão crítica e autocrítica já é um grande passo.

Está lançado o desafio para os próximos anos: no plano organizativo, agir pela política de quadros e pela constituição de uma ativa e dinâmica vida organizada desde a base, com o apoio da direção política e de todo o esforço de direção. É o modo de formar largo contingente de comunistas revolucionários nas condições contemporâneas. Parafraseando João Amazonas, num sentido autenticamente político, pode-se dizer que o socialismo pelo qual se luta é uma tarefa que começa aqui e agora, mediante a construção de um forte partido comunista e a luta pela hegemonia; e a força dele são seus quadros e militantes conscientes, unidos e organizados desde a base na ação política concreta.